Por uma memória negra e feminina do ativismo brasileiro: o caso do Acervo Sueli Carneiro

Ionara Lourenço
Casa Sueli Carneiro | São Paulo, SP, Brasil
ionara@casasuelicarneiro.org.br

Natália Neris
Casa Sueli Carneiro | São Paulo, SP, Brasil
natalianeris@casasuelicarneiro.org.br

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v34i1pe234370

resumo O artigo apresenta os processos de criação e organização do Acervo Sueli Carneiro, como um caso emblemático de preservação da memória negra no Brasil. A Casa Sueli Carneiro, instituição dedicada ao legado da filósofa e ativista, desenvolveu um processo de arquivamento inovador que alia a formação de profissionais negras, digitalização e acesso público. O texto destaca, em sua primeira e segunda seções, as especificidades do acervo, que reúne documentos pessoais, registros do movimento negro e feminista, além da produção intelectual de Sueli Carneiro. Adiante, na terceira seção, discutimos a importância dos acervos pessoais e arquivos comunitários na construção de narrativas históricas contra hegemônicas, e a necessidade de políticas públicas específicas para sua manutenção e disseminação. Por fim, argumentamos que a memória negra deve ser compreendida como patrimônio coletivo, e que a promoção de mecanismos de fomento para sua preservação são passos fundamentais para reequilibrar as narrativas históricas e fortalecer a democracia e os Direitos Humanos.

palavras-chave memória negra; acervos afro-brasileiros; políticas públicas

For a Black and Feminine Memory of Brazilian Activism: The Case of the Sueli Carneiro Collection

abstract The article presents the processes of creation and organization of the Sueli Carneiro`s Archive as a landmark case in the preservation of Black memory in Brazil. The Casa Sueli Carneiro (house of Sueli Carneiro), is an institution dedicated to the legacy of the philosopher and activist: Sueli Carneiro, which developed an innovative archiving process that combines the training of professionals Black Women, digitization, and public access. The text highlights, in its first and second sections, the specific features of the archive, which brings together personal documents, records of the Black and feminist movements, as well as Sueli Carneiro's intellectual work. Further, in the third section, we discuss the importance of personal archives and community archives in constructing counter-hegemonic historical narratives and the need for specific public policies to support their maintenance and dissemination. Finally, we argue that Black memory should be understood as collective heritage, and that promoting support mechanisms for its preservation is a fundamental step toward rebalancing historical narratives and strengthening democracy and human rights.

keywords black memory; Afro-Brazilian Archives; Public Policies

Em condições políticas "normais", disse Beatriz Sarlo, o passado sempre chega ao presente. Nossas condições de vida no Brasil não são normais, certo? O Estado, o governo, os meios de comunicação, as escolas e os partidos, e um

> *número infinito de instituições dedicam-se a apagar ou distorcer os fatos reais e concretos nos quais se envolveu e envolve a população negra. Tudo bem? Então compreenda de uma vez por todas que, sem sua ativa participação, o passado não chegará até nós". (CARDOSO, Edson 2022, p. 421)*

Introdução

A temática da memória é parte constituinte do ativismo negro brasileiro. A compreensão de que nossa história oficial foi escrita por mãos brancas[1], gerando apagamentos propositais das contribuições políticas, artísticas e sociais da população negra, explica em grande medida esta afirmação. Produzir jornais desde o século XIX, promover encontros comunitários/associativos e, mais do que isso, registrá-los, fundar organizações específicas de defesa da população negra e produzir registros de processos históricos por meio da publicação de diferentes materiais configura-se como algo além de estratégia, mas de produção de contra-narrativas a fim de conferir valor e humanidade a esse grupo populacional.

De modo consciente, o esforço de pessoas negras ao longo da história, e principalmente durante o pós-abolição, no campo do ativismo, foi, de fato, "trazer o passado até nós". Esse esforço se deu apesar da escassez de políticas públicas de valorização da cultura negra, da elaboração de mecanismos específicos de fomento à salvaguarda da memória e da compreensão de que materiais (em diferentes suportes) acumulados ao longo da vida por pessoas de grupos vulnerabilizados podem guardar interpretações relevantes e até mesmo novas sobre a história brasileira.

Neste artigo, trataremos de um processo de registro e disseminação da memória do ativismo negro e feminista brasileiro, a partir de um caso: a criação da Casa Sueli Carneiro e a organização do seu acervo. Nesse sentido, dividimos o texto em três momentos, além desta introdução e da conclusão. No primeiro, tratamos da história da Casa e das diretrizes que orientaram a construção do acervo da ativista; no segundo, tratamos das características e especificidades do acervo, para caminharmos, então, para a terceira parte, na qual refletimos sobre os desafios em tornar tal experiência replicável do ponto de vista das políticas públicas.

A Casa Sueli Carneiro e a organização do acervo

A organização do acervo pessoal de Sueli Carneiro teve início em setembro de 2021, e segue em permanente construção. É uma iniciativa da Casa Sueli Carneiro - organização negra sem fins lucrativos com sede em São Paulo - em comum acordo com a ativista e intelectual, que compartilhou os direitos de uso, digitalização e publicação de seu arquivo e biblioteca pessoal; além de itens que estavam em sua antiga casa, na rua Professora Gioconda Mussolini, em São Paulo, atual sede da Casa Sueli Carneiro[2].

---

[1] Fala de Beatriz Nascimento captada na reportagem "(O) NEGRO da senzala ao soul" na TV Cultura (HONÓRIO RODRIGUES, J. apud NASCIMENTO, B., 1977).

[2] Para aprofundamento sobre a história da Casa Sueli Carneiro conferir reportagem especial no Programa Estação Livre da TV Cultura com Bianca Santana (Diretora Executiva), e entrevista com a mesma no Ecoa-UOL.

O processo de organização foi também um processo de formação de profissionais negras em técnicas arquivísticas. As principais características que definem o acervo são: (i) o respeito às decisões de Sueli Carneiro e seus familiares, detentores de direitos, sobre como e quais documentos e livros estarão disponíveis ao público; (ii) a missão formativa de mulheres negras e periféricas na metodologia de organização do arquivo e da biblioteca aplicada neste projeto, para que estas, por sua vez, tenham condições de disseminarem o conhecimento adquirido em outros projetos de memória dos movimentos negros brasileiros; (iii) o entendimento e o respeito à arquivologia e à biblioteconomia, com as adaptações necessárias e justificáveis às políticas de acervo da Casa Sueli Carneiro, a possibilidade de acréscimo de novos documentos e livros, com constante revisão e incrementação de dados, mediante o recebimento de novas informações sobre seus itens constituintes, seja por parte das detentoras de direitos, ou do público consulente.

A organização do Acervo Sueli Carneiro prezou pela independência e autonomia das documentalistas que nele trabalharam, o que pode ser constatado em duas qualidades estruturais implementadas em seu processo de organização. A primeira diz respeito à tecnologia: o Páramo foi escolhido como a ferramenta online de gerenciamento do Acervo por ser um sistema modular e flexível, capaz de se adequar às necessidades específicas, como a criação de fichas descritivas para as diversas tipologias documentais, download de representações digitais, possibilidade de criar ligações entre itens relacionados e a criação de contextos, como linhas do tempo e as exposições virtuais. Os principais fatores que levaram à escolha do Páramo[3] como sistema de gerenciamento foram as suas especificações técnicas, a aplicação web desenvolvida em códigos abertos nas linguagens PHP e MySQL, a facilidade de acesso em por dispositivos conectados à internet e possibilidade de trabalho colaborativo entre dois ou mais membros da equipe simultaneamente, por meio de navegadores web, o que resultou numa interface intuitiva, de fácil usabilidade, capaz de incorporar novos arquivos e bibliotecas que porventura integrem os acervos da Casa Sueli Carneiro. Mais do que isso, a Casa pretende apoiar, sempre que possível, o acesso a essa ferramenta de gerenciamento para outras entidades e coletivos organizados dos movimentos sociais negro e feminista[4].

Em segundo lugar, a extroversão da base de dados on-line – do gerenciador do acervo para o website Acervo Sueli Carneiro – é automatizada, ou seja, conforme a base de dados é alimentada, os novos itens aparecem imediatamente no website, tanto suas imagens como textos. Logo, há um espelhamento entre a base de dados e o website, cabendo aos profissionais do acervo definirem, em comum acordo com a Casa e a titular do acervo, quando cada item catalogado poderá ser publicado. Com isso, arquivistas e bibliotecárias conseguem manejar os conteúdos do website como curadoras do Acervo.

---

[3] O Páramo é um sistema flexível, customizável conforme as necessidades da instituição. Desenvolvido como uma solução web para catalogação e gestão de acervos bibliográficos e arquivísticos, ele também integra mídias e arquivos digitais associados aos itens. Sua principal funcionalidade é a extroversão automatizada da base de dados para o site Acervo Sueli Carneiro, facilitando o gerenciamento documental do acervo em tempo real.

[4] Isso é feito por meio da disponibilização do *Páramo - Versão para download*, desenvolvida em parceria entre Casa Sueli Carneiro e Páramo Software.

Tratando ainda da extroversão do acervo, o projeto traz inovação na mediação com o público, que, espera-se, consiga navegar intuitivamente neste website. Uma delas é a unificação, para fins de busca, dos itens do arquivo e da biblioteca, garantindo um resultado que permite relacionar livros e documentos que tratem do mesmo assunto ou palavra-chave. Na prática, por exemplo, pode-se listar os documentos acumulados por Sueli Carneiro que contêm o nome de Lélia Gonzalez, e, ao mesmo tempo, na mesma lista, visualizar os livros escritos por e sobre a feminista que Sueli tenha guardado. Todavia, permite-se também a busca separada em Arquivo e Biblioteca, conforme a necessidade do usuário, ressaltando que na base de dados também há integração do sistema de gerenciamento de ambos.

Outra aposta são as exposições virtuais, com curadoria e textos de navegação executados pela documentalista responsável pelo Acervo. São exposições de assuntos que ela julga interessantes, que surgem a partir da convivência cotidiana que tem com os livros e documentos, com recortes temáticos que focam uma atividade desenvolvida por Sueli, como sua atuação no Correio Braziliense, ou algo inesperado, como o fato de Sueli ter ido ao Rock in Rio 2001. Elas não têm tamanho, formato nem periodicidade pré-determinados, mas devem surgir sempre que uma pesquisa ou trabalho em andamento incitar uma ideia, e almejam ativar a visitação do acervo e o compartilhamento de conhecimento. Por fim, além da guarda e exibição do Acervo Sueli Carneiro, a Casa propõe-se a manter um diálogo permanente com a sociedade por meio da educação popular, programação cultural e incidência política, para, de forma colaborativa, construir o futuro deste centro de memória.

As características e especificidades do Acervo Sueli Carneiro

O Acervo Sueli Carneiro é um acervo pessoal de interesse público[5], composto pela somatória do Arquivo Sueli Carneiro e Biblioteca Sueli Carneiro, e tem como compromisso ser um eficiente repositório de informações dos itens neles contidos e, ainda, viabilizar em seu buscador respostas que relacionam livros com documentos e vice-versa. Disponibiliza-se ao público toda sorte de documentos acumulados pela intelectual até o presente, lembrando que este é um acervo vivo, ainda em produção.

O Arquivo Sueli Carneiro é o resultado do projeto de organização e publicação on-line de documentos da filósofa e ativista que o nomeia, muitos de caráter familiar e cotidiano, por isso inéditos. Ele está disponível de maneira digital, e fisicamente para consulta na Casa Sueli Carneiro, de forma a servir de fonte para pesquisas,

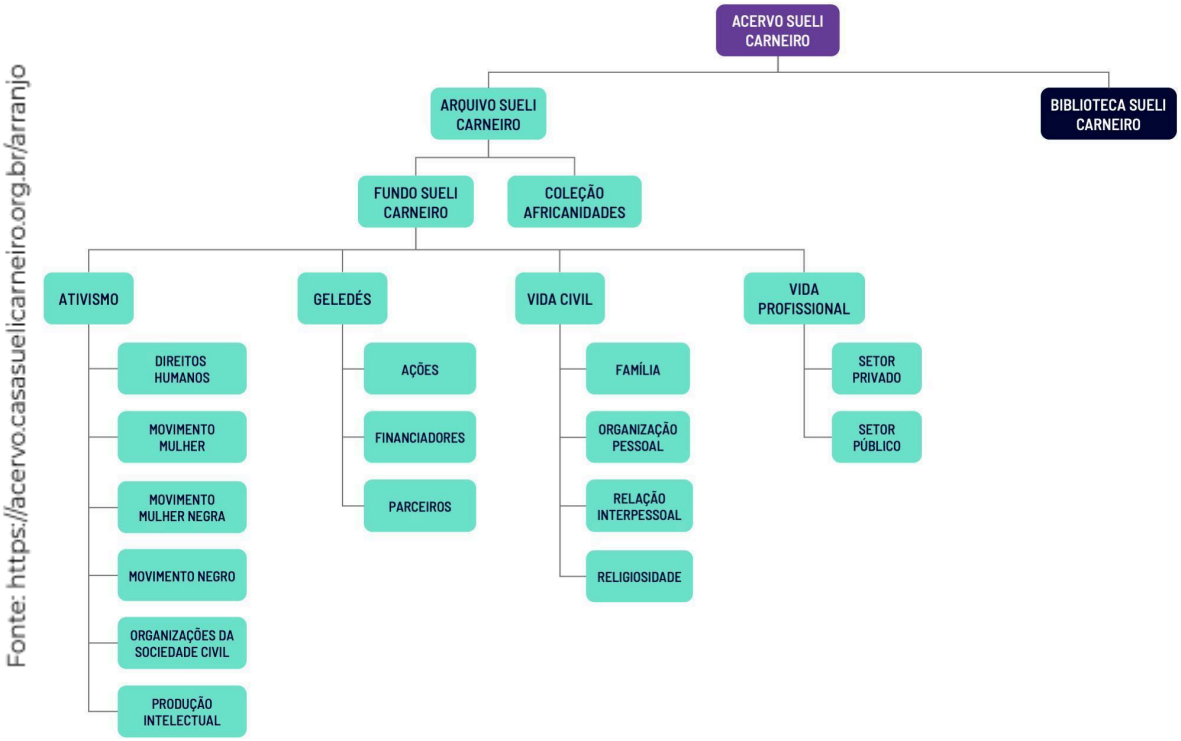
[5] A Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991 (conhecida como Lei de Arquivos) considera arquivos os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou natureza dos documentos. Estes são identificados como *Arquivos Públicos, Arquivos Privados* e da *organização e administração de instituições arquivísticas públicas*. Os arquivos privados podem ser identificados pelo Poder Público como de *interesse público e social*, desde que sejam considerados como conjunto de fontes relevantes para a história e desenvolvimento científico nacional. No site do Conarq - Conselho Nacional de Arquivos, estão listados os arquivos privados declarados de interesse público e social, como os arquivos de Barbosa Lima, Darcy Ribeiro, Oscar Niemeyer, Abdias Nascimento e Paulo Freire.

desenvolvimento de novos projetos e incentivo à continuidade e ampliação do pensamento ativista negro no Brasil, em sua luta por direitos humanos, igualdade racial e de gênero. O Arquivo hoje é composto por dois fundos: a Coleção Africanidades, uma coleção de objetos desta temática, e o Fundo Sueli Carneiro, os documentos por ela guardados propriamente.

Acervos pessoais são intrínsecos à identidade de seus criadores. Segundo Richard Cox (2017:466) são compostos de uma massa documental acumulada pelas vivências burocráticas, familiares e ofícios de qualquer pessoa física ou jurídica. O Acervo Sueli Carneiro não seria diferente, as centenas de itens traduzem os mais de cinquenta anos de ativismo da filósofa Sueli Carneiro que afirma: "*Tudo na minha vida é ativismo*". Assim, o acervo transparece a perspectiva pela qual a autora enxerga a vida e seus desdobramentos: suas pesquisas acadêmicas, seu posicionamento político, sua relação com a família, sua escrita, tudo que faz tem o propósito de transformar as desigualdades raciais e suas consequências em outras possibilidades, acessos e futuros.

Importante observar que, para fins de organização das informações, optou-se por uma separação formal do grupo de documentos. A partir da análise documental chegou-se à definição de quatro grandes grupos: *Ativismo, Geledés, Vida Civil e Vida Profissional* e seus subgrupos que norteiam as principais características e especificidades que encontramos ao nos debruçar na descrição de item por item de uma mulher negra.

Adiante apresentamos figura com cada uma das sessões e breve descrição das mesmas:



Fonte: https://acervo.casasuelicarneiro.org.br/arranjo

Figura 1. Organização do acervo.

Uma das principais vertentes sobre a qual Sueli Carneiro dispôs sua atenção foi a dos *Direitos Humanos*. Compreendida como a grande área que abarca as questões dos

movimentos sociais, raciais e políticos, a ativista buscou sempre direcionar projetos nesse sentido, além de colocar-se, em palestras e textos, a favor e em defesa deles. Este subgrupo contém documentos que tratam dos Direitos Humanos e são, em sua maioria, convites para participação em eventos realizados por instituições que de alguma forma se propuseram a dialogar sobre o tema.

Os documentos sobre *Movimento Mulher* trazem o posicionamento ativo de Sueli Carneiro no movimento feminista, sem nunca desconsiderar a indispensabilidade do movimento feminista negro. A ativista pensa no movimento de mulheres como uma luta ampla, um guarda-chuva geral que, em si, abarca a diversidade: mulheres brancas, mulheres negras, mulheres indígenas, mulheres trans. Dessa forma, participa do movimento feminista, por ser mulher, sem jamais desconsiderar as desigualdades intra-gênero que seu corpo político lhe impõe, levando-a ao recorte racial da luta feminista: o movimento de mulheres negras. Neste contexto agrupam-se em seu acervo registros fotográficos de marchas e eventos organizados por mulheres e instituições feministas, além de minutas de discursos e cronogramas de eventos dos quais participou.

Para Sueli Carneiro, o movimento negro é um espaço de formulação das problemáticas raciais do país e de articulação política. Ao navegar pelo subgrupo *Movimento Negro* podem ser encontrados mais de 200 itens entre artigos, fotografias e clippings de jornais e revistas que tratam da atuação de Sueli Carneiro na luta por igualdade racial.

Sueli Carneiro encontrou em *Organizações da Sociedade Civil* uma possibilidade de atuação política buscando o reconhecimento público e promovendo denúncias sobre as desigualdades sofridas por mulheres negras brasileiras. Desde a fundação de Geledés, várias foram as Organizações da Sociedade Civil com as quais Sueli colaborou e colabora ativamente, no Brasil e no mundo, como forma de agir política, pessoal e profissionalmente. A navegação por este subgrupo traz como resposta documentos de caráter mais administrativo de sua participação nas instituições. É composto por formulários, editais, propostas para elaboração de projetos e informes.

A *Produção Intelectual* de Sueli Carneiro estende-se ao longo das décadas, a bibliografia é vasta, e parte dela está disponível neste subgrupo, composto por textos, minutas, artigos manuscritos, artigos publicados em revistas e jornais, matérias de jornais e parte de sua produção acadêmica – incluindo sua tese de doutoramento na Universidade de São Paulo (USP). Uma peculiaridade dos documentos que integram este subgrupo são registros redigidos à mão, a lápis ou caneta, nas múltiplas versões que dispomos de textos em fase de desenvolvimento, às margens de impressos, com ideias, observações e encaminhamentos para aprimoramento dos conteúdos. Registros que revelam uma faceta disciplinada e rigorosa da autora com a escrita, bem como um hábito de se rever sempre, revisitar e aprimorar os textos. Também importa saber que Sueli nos conta que "pensa em texto", por isso, são raras as vezes que fala em público de improviso; o texto organiza suas palavras.

O grupo *Geledés* faz referência à organização fundada em 30 de abril de 1988 “Geledés – Instituto da Mulher Negra”. A organização da sociedade civil atua em defesa de mulheres negras e negros, devido às desvantagens e discriminações no acesso às

oportunidades sociais que ambos os grupos sofrem em função do sexismo e do racismo, respectivamente, existentes no Brasil. Palavra de origem iorubá, Geledés, refere-se ao poder feminino, às organizações que mulheres de sociedades tradicionais formavam para celebrar aspectos de sua condição de mulher, dando ênfase à origem e sabedoria africana em detrimento de uma perspectiva eurocêntrica. O Instituto desdobra-se em projetos nas áreas de memória, incidência política no âmbito nacional e internacional, comunicação, cuidado e autocuidado, além de comunicação e educação, dispondo ao seu público mecanismos de enfrentamento ao racismo, sexismo e demais formas de discriminação.

O grupo *Vida Civil* é formado por documentos referentes à vida de Sueli Carneiro, desde cartas, cartões postais, fotografias e documentos de registro civil. Notadamente, por se tratar de um grupo contido em seu Arquivo Pessoal, os documentos aqui catalogados e divididos em quatro subgrupos são fundamentais para quem deseja conhecer um pouco sobre a intimidade de Sueli Carneiro.

Família é o mais intimista de todos os subgrupos do Arquivo Sueli Carneiro: contém fotografias do seu cotidiano, álbuns de família, cartas entre parentes e amigos que revelam facetas menos conhecidas de Sueli.

Em *Organização Pessoal*, estão presentes documentos que foram acumulados de forma orgânica, documentos pessoais de registro civil, acadêmicos, certificados, atestados, fotografias, recortes de jornais e anotações manuscritas de Sueli Carneiro – uma infinidade de fontes de informações variadas.

Relação Interpessoal é um subgrupo constituído, quase que em sua totalidade, por correspondências. Cartas, cartões postais, convites, bilhetes e e-mails, para e de amigos, ajudam a dimensionar sua rede de parceiros, amigos, colaboradores e familiares.

A *Religiosidade* é um subgrupo que agrupa documentos que têm a religião como assunto principal, em função da importância do Candomblé na vida de Sueli Carneiro. Pelo viés acadêmico, para pesquisa, ao navegar pela Biblioteca, é possível encontrar mais de 20 títulos sobre religiosidade, um indicativo do seu interesse pelo tema.

A criação do grupo *Vida Profissional*, não é um contraponto ao Grupo Ativismo, mas um complemento, onde alocamos documentos relacionados à sua carreira nos *setores público e privado*, à sua juventude profissional, como funcionária na Secretaria da Fazenda de São Paulo, depois como colunista do jornal Correio Braziliense, além das editoras que a publicaram como autora de não-ficção. No setor privado Sueli Carneiro escreveu para o Correio Braziliense, cuja série de artigos impressos em jornal é o principal conjunto de documentos deste subgrupo, composto também por documentos referentes a contratos com o jornal e cartas de editoras. Já no setor público, onde se encontram os documentos que registram a passagem de Sueli Carneiro pela Companhia de Engenharia de Tráfego - CET, no qual trabalhou no setor de microfilmagem.

E por fim, temos a *Biblioteca Sueli Carneiro* composta pelos livros que ela deixou na casa da Rua Gioconda Mussolini. Ao longo do projeto de organização do Acervo e no tempo por vir, ela continuará recebendo doações da filósofa. Os livros e periódicos são em sua maioria sobre a grande área das Ciências Sociais, voltada especialmente para os movimentos sociorraciais e feministas, com temas relacionados às questões de saúde, educação e políticas públicas. Além disso, possui um acervo multidisciplinar nas áreas de

literatura, história, geografia, artes e filosofia, resultado de uma vida dedicada ao ativismo[6].

Na Biblioteca Sueli Carneiro, se pode ver títulos ligados às Ciências Sociais, mais precisamente às pesquisas engajadas sobre racismo, mulher negra, feminismo e educação. As estantes estão cheias de títulos e autores imprescindíveis para a pesquisa e entendimento do movimento negro. Assuntos como psicologia, religião, literatura e tantos outros fazem do acervo bibliográfico uma fonte multidisciplinar de informação.

Há duas linhas editoriais dos periódicos existentes na Biblioteca Sueli Carneiro: o acadêmico e o comercial. Os de cunho acadêmico são aqueles publicados por universidades, revistas técnicas e de organizações voltadas ao fomento de artigos científicos. A outra parcela está ligada à seleção de textos, matérias de jornais e revistas comerciais de grande circulação, cujos temas fossem referentes aos projetos da Geledés, políticas públicas ou a fatos relacionados ao movimento negro.

Uma experiência replicável?

Considerando suas características e especificidades, a manutenção do Acervo Sueli Carneiro exige uma série de ações contínuas e integradas, dentre elas: (i) garantia da manutenção do espaço físico do acervo, cuidado de mobiliários, equipamentos e da infraestrutura necessária para preservação adequada dos documentos, (ii) promoção e a difusão do acervo em nível nacional e internacional, assegurando que seu conteúdo seja acessível, (iii) o trabalho em conjunto com as áreas da arquivologia, biblioteconomia e museologia, integrando essas disciplinas para fortalecer a gestão e organização do acervo e por fim (iv) a promoção de estratégias da museologia social para o fortalecimento da relação do espaço com o território no qual se insere.

Esses desafios são comuns a iniciativas semelhantes à Casa Sueli Carneiro, mas para além destes, compreendemos que há um "meta-desafio" a ser endereçado: a promoção da memória negra e de outros grupos vulnerabilizados não pode depender, somente, de iniciativas individuais ou da sociedade civil organizada. Políticas públicas com foco no incentivo, financiamento e apoio técnico à organização e digitalização de acervos pessoais e comunitários e que tenham como pilar a participação social, são fundamentais.

Cabe ao Estado brasileiro a compreensão de que a memória de tais grupos é *patrimônio* e seu zelo constitui-se como medida concreta e efetiva de reparação histórica. Um passo importante nesse sentido é o reconhecimento de que acervos de movimentos sociais e coletivos são também sujeitos de políticas públicas.

Um debate nesta direção vem sendo promovido pela *Rede Acervos, Memórias e Movimentos sociais* que pleiteiam a inclusão explícita de arquivos comunitários e de movimentos sociais na Lei de Arquivos[7]. Em justificativa desta demanda afirmam:

---

[6] A classificação bibliográfica foi catalogada seguindo as diretrizes da biblioteconomia, com base em ferramentas de classificação, a Tabela Cutter e a CDD - Classificação Decimal de Dewey.

[7] Conferir Abaixo Assinado pela inclusão de arquivos comunitários, populares e de movimentos na Lei de Arquivos em:
https://www.change.org/p/incluir-na-lei-de-arquivos-os-arquivos-comunit%C3%A1rios-populares-e-de-movimentos

> O reconhecimento dos arquivos comunitários, populares e de movimentos sociais e políticos em luta por direitos a eles associados representa uma oportunidade de superação de limites de políticas arquivísticas defasadas, nas quais se identifica a naturalização de exclusões. Ao contrário, a inclusão de dispositivos que fortaleçam esses arquivos na Lei Nacional de Arquivos reforçará os princípios de transparência, accountability e acesso à informação, pilares das boas práticas arquivísticas e de direito à memória na contemporaneidade.
> Ao garantir a proteção e a valorização destes arquivos, estaremos promovendo uma abordagem mais inclusiva da gestão e preservação documental, reconhecendo o direito das comunidades e dos grupos sociais de preservarem e **acessarem sua própria história e se posicionarem com maior equidade perante a sociedade como um todo**.
> Por esse caminho, a modernização da Lei de Arquivos, ao mesmo tempo em que atenderá às necessidades das instituições arquivísticas tradicionais, também refletirá o aprofundamento dos **valores de justiça social, diversidade e inclusão, essenciais para o bem-estar de todas as pessoas**. (Grifos nossos)

Ainda no sentido da participação social vale destacar a criação do Grupo de Trabalho Abdias do Nascimento através da Portaria da Fundação Cultural Rui Barbosa de 12 de maio de 2024. A iniciativa estabelece a elaboração do "*Programa Abdias Nascimento: Patrimônio, Memória e Reparação*" com objetivo de sugerir políticas públicas focadas na museologia social para a preservação e difusão de acervos pertencentes a pessoas e instituições negras, povos originários e comunidades periféricas e marginalizadas.

Tanto o abaixo-assinado quanto os trabalhos do GT[8] revelam o anseio da sociedade civil pelo reconhecimento e participação efetiva na construção de políticas públicas, considerando que tais grupos e iniciativas não somente conhecem o campo, como suas principais necessidades. Nesse sentido, à luz da experiência da Casa Sueli Carneiro e de participação nos processos mencionados acima, cremos que a replicabilidade de iniciativas de disseminação e construção de memórias e legados passam necessariamente pelo olhar que integre o olhar técnico do fazer arquivístico e o olhar estratégico orientado para resultados, o fortalecimento de redes de organizações com objetivos comuns e, neste momento do campo, soluções concretas no campo das políticas públicas no sentido do financiamento/estabelecimento de linhas de fomento específicas.

Conclusão

As linhas acima relatam a experiência de organização de um acervo pessoal da

[8] Da mesma forma, a criação da Rede de Acervos Afro-Brasileiros em 2023 é emblemática. Um de seus primeiros esforços foi o mapeamento de acervos negros pelo Brasil que resultou na publicação Guia de Acervos Afro-Brasileiros, organizada pelo Museu Afro Brasil Emanoel Araujo.

ativista Sueli Carneiro e cremos que a estrutura de seu arranjo pode inspirar iniciativas de pessoas, coletivos ou grupos vulnerabilizados como negros e negras, pessoas LGBTQIA+, indígenas, quilombolas e pessoas com deficiência.

A experiência da Casa Sueli Carneiro reafirma que a preservação de acervos pessoais de ativistas não é apenas um gesto de garantia da memória, mas um ato político de resistência e produção de conhecimento. O arranjo e a estruturação desse acervo demonstram que acervos individuais, especialmente de mulheres negras, não apenas documentam histórias do passado, mas servem como dispositivos de fortalecimento coletivo e continuidade de lutas sociais.

Mais do que um modelo isolado[9], o Acervo Sueli Carneiro aponta caminhos para iniciativas futuras, evidenciando a necessidade do fortalecimento de redes e da incidência política para garantir que acervos comunitários sejam reconhecidos como parte essencial do patrimônio cultural brasileiro. A replicabilidade dessa experiência, no entanto, depende de um compromisso concreto com políticas públicas que viabilizem não apenas a salvaguarda desses acervos e arquivos, mas também seu financiamento e acessibilidade.

Dessa forma, compreender a memória negra como patrimônio coletivo e promover mecanismos de fomento para sua preservação são passos fundamentais para reequilibrar as narrativas históricas e fortalecer a democracia e os Direitos Humanos. Se a memória é um direito, garantir sua organização e disseminação é uma questão de justiça.

Referências

Brasil. 1991. Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados. *Diário Oficial da União*, junho, 29, 1989. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8159.htm. Acessado em fevereiro 21, 2024.

Cardoso, Edson. 2022. *Nada os trará de volta*. São Paulo: Companhia das Letras.

Change.org. 2025. *Incluir na Lei de Arquivos os Arquivos Comunitários, Populares e de Movimentos.* Acessado em fevereiro 3, 2025. https://www.change.org/p/incluir-na-lei-de-arquivos-os-arquivos-comunit%C3%A1rios-populares-e-de-mivomentos.

Cox, Richard J. 2017. "Impulsos humanos e arquivos pessoas". In *Arquivos pessoais: um novo campo profissional: leituras, reflexões e considerações.* Tradução de Anderson Bastos Martins, 213-53. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Domingues, Petrônio. 2007. *Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos.* Tempo, 12 no.23: 100-122.

[9] O Acervo Bajubá, a Associação Brasileira de Preservação Audiovisual, Brás de Todo o Mundo, Casa do Povo, Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Guaianás, o Centro de Memória das Lutas Populares Ana Dias, Centro de Memória e Museu da Brasilândia, Centro de Memória Queixadas, Centro Popular de Documentação do Pirambu, Arquivo e Memória Nacional do MST, Zumvi – Arquivo Afro-Fotográfico, Cultne, além das mais de 900 iniciativas mapeadas no nosso projeto Constelações de Memórias Negras são espaços vivos de resistência, onde histórias frequentemente silenciadas encontram o seu devido protagonismo.

Fundação Casa de Rui Barbosa. 2024. Portaria FCRB nº 12, de 24 de maio de 2024. *Diário Oficial da União*, maio 27, 2024. https://www.gov.br/casaruibarbosa/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/legislacao/portarias/PORTARIAFCRBN12DE24DEMAIODE2024.pdf. Acessado em fevereiro 21, 2024.

Museu Afro-Brasil. 2024. *Guia de Acervos Afro-Brasileiros*. Acessado em janeiro 27, 2024. http://museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/publica%C3%A7%C3%B5es/guia-acervos-afro-brasileiros-2024.pdf?sfvrsn=2

Santana, Bianca. 2021. "Casa Sueli Carneiro é espaço de celebração, formação e memória". *ECOA-Uol*, março 19, 2021. https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/bianca-santana/2021/03/19/casa-sueli-carneiro-e-espaço-de-celebracao-formacao-e-memoria.htm?cmpid=copiaecola. Acessado em fevereiro 10, 2025.

TV Cultura. 1977. *O Negro da Senzala ao Soul*. Reportagem de Gabriel Priolli Netto e Armando Figueiredo Neto. Julho 15. Video, 45:24 min. https://www.youtube.com/watch?v=5AVPrXwxh1A. Acessado em janeiro 27, 2024.

TV Cultura. 2021. "Casa Sueli Carneiro: Espaço dedicado ao legado da filósofa e ativista será aberto ao público". *Estação Livre*, apresentado por Bianca Santana. Junho 18. Video, 4:45 min. https://www.youtube.com/watch?v=5RMtBvUPqZE. Acessado em fevereiro 10, 2025.

Zacari, Lucas. 2024. "A plataforma que mapeia a memória negra brasileira". *Nexo Expresso*, junho 27, 2024. Acessado em fevereiro 15, 2025. https://www.nexojornal.com.br/expresso/2024/06/27/historia-movimentos-negros-constelacoes-de-memorias-negras-casa-sueli-carneiro. Acessado em fevereiro 15, 2025.

sobre as autoras

Ionara Lourenço

Bibliotecária formada em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), com experiência em classificação, catalogação e indexação de acervos bibliográficos, gestão de bases de dados e sistemas de gerenciamento de bibliotecas. Atuou como conselheira do Conselho Regional de Biblioteconomia do estado de São Paulo e atualmente é Coordenadora de acervos da Casa Sueli Carneiro.

Natália Neris

Doutora em Direitos Humanos pela Universidade de São Paulo (USP). Tem experiência em ensino, pesquisa e gestão pública e privada nas áreas de políticas públicas e Direitos Humanos. É autora do livro "A voz e a

palavra do Movimento Negro na Constituinte de 1988" (2018) e coautora do livro "O Corpo é o Código: estratégias jurídicas de enfrentamento ao revenge porn" (2016). Atualmente é coordenadora de Incidência Política na Casa Sueli Carneiro.

Autoria: As autoras são responsáveis pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: Não houve financiamento.

Recebido em 16/05/2025
Aprovado para publicação em: 15/10/2025